
**JORNAL-LABORATÓRIO NA SALA DE AULA DO ENSINO MÉDIO: UM OUTRO OLHAR SOBRE
A RELAÇÃO MÍDIA-ESCOLA**

**NEWSPAPER-LAB AT CLASSROOM OF HIGH SCHOOL: ANOTHER VIEW ON THE
RELATIONSHIP MEDIA-SCHOOL)**

RAFAEL BARBOSA FIALHO MARTINS ¹; JOAQUIM SUCENA LANNES ²

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV)

Resumo: Este artigo visa discutir a relação entre educação e meios de comunicação através do estudo da aplicação de jornais em sala de aula. Para isso, há uma pesquisa de opinião sobre o jornal-laboratório *Outro Olhar*. Com o estudo, percebe-se a eminente presença do uso da internet pelos estudantes, o que sugere que a educação pode se aproveitar da *web* como intermediadora entre escola e o mundo, formando alunos cidadãos.

Palavras-chave: Jornal-laboratório. Educação. Internet.

Abstract: This paper discusses the relationship between education and the media through the study of application of newspapers in the classroom. For this, there's a search on the newspaper-lab *Outro Olhar*. With this study, we find the eminent presence of Internet use by students, which suggests that education can take advantage of the web as a mediator between the school and the world, forming citizen students.

Keywords: Newspaper-lab. Education. Internet.

¹ Graduando em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), Bolsista PIBITI/CNPq/UFV. E-mail: rafaelbfialho@gmail.com.

² Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Professor do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: joaquimsucenalannes@gmail.com.

1. Introdução

Com o surgimento da *mass media*, que compreende fluxos unidirecionais de informação entre emissor e receptor, começou a se estudar os impactos que a comunicação traria aos receptores, o que originou uma série de pesquisas da *Mass Communication Research*. Uma das teorias recorrentes na época era a “Teoria da Agulha Hipodérmica”, elaborada por Lasswell, que analisou como os meios de comunicação de massa – e mais especificamente a propaganda – poderiam servir como instrumentos de poder e influenciar os receptores (MATTE-LART, 2004).

A educação não ficou de fora do espectro de influências dos meios de comunicação, o que levou ao surgimento de uma nova área de estudos: a Educomunicação. Deste modo, os professores preocupados com a interseção entre comunicação e educação passaram a ser chamados de “educadores”, termo cunhado por Mário Kaplun (CITELLI, 2004). Ismar de Oliveira Soares (2004), um dos expressivos estudiosos da área, define a educomunicação como o conjunto de ações capazes de integrar os meios de comunicação às práticas educativas, em consonância com aquilo que é exigido nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s).

Dessa forma, a abordagem de conteúdos de meios de comunicação de massa acena para a importância de se estimular o senso crítico dos alunos, que necessitam de uma formação dotada de análise e interpretação daquilo que é veiculado na mídia todos os dias. Isso porque:

a linguagem não é utilizada apenas para transmitir informações, mas, e sobretudo, para firmar interesses, estabelecer níveis de dominação, fazendo do mundo dos signos uma arena onde são travadas as mesmas batalhas encontradas no mundo dos homens (CITELLI, 2004, p. 86).

Baseando-se no destaque e na influência dos meios de comunicação na sociedade, passou a se investir em estudos acerca das implicações da educação pautada em fontes paradigmáticas, não menos relevantes no processo ensino-aprendizagem do que um livro didático, por exemplo. Logo, houve um incremento em trabalhos, pesquisas e iniciativas práticas relacionadas à interface educação-comunicação, o que levou à criação de novas linhas de pesquisa

nas universidades, congressos e encontros, publicações e atividades de capacitação de docentes de ensino-médio e fundamental (CITELLI, 2004).

Baseando-se na interdisciplinaridade, o Ministério da Educação divulgou, no documento *O Novo Ensino Médio*, algumas orientações no que diz respeito à interface comunicação/tecnologias/educação, a fim de aperfeiçoar essa relação entre conhecimentos no ensino médio. O documento traz a divisão do conteúdo a ser trabalhado em três subgrupos: Linguagens e códigos (e suas tecnologias), Ciências da natureza/matemática e Ciências humanas. Apesar dessa divisão, o texto preza pelo uso das linguagens como meios de construção do conhecimento e da formação de atitudes e valores. Sobre a área de “Linguagens e códigos”, o documento ressalta a importância de o professor recorrer também a outros meios de informação que não os livros didáticos: “As competências da área da linguagem também devem ser trabalhadas no contexto da comunicação na sala de aula, da análise da novela de TV, dos diferentes usos da língua, [...] ou da comunicação coloquial” (SOARES, 1998). Daí surge a necessidade de se formar profissionais cientes do contexto da educomunicação, professores que sejam capazes de pensar a educação ligada à comunicação, atendendo às exigências do MEC. Soares (1998) diz:

Propomos, nessa linha, que o sistema educativo conte com os serviços de um “educomunicador”, a ser formado em toda universidade, que tenha boas faculdades de comunicação e educação, por meio de projetos de graduação, pós ou licenciatura que dêem conta da complexidade e da interdisciplinaridade da nova área. Por outro lado, que os comunicadores sociais vocacionados para o campo se apresentem; sua presença é necessária e urgente (SOARES, 1998, p. 3).

1.1 Jornal na sala de aula

Nesse contexto de uma quase “onipotência” dos meios de comunicação sobre a escola, um deles surge como alternativa eficiente e barata para ser utilizado como instrumento pedagógico: o jornal impresso. Veículo de acesso mais fácil se comparado a outros (TV, rádio, internet), o jornal oferece possibilidades primordiais em se tratando do ambiente escolar.

O próprio contato do estudante com a sua realidade, através das notícias, já é um fator positivo, pois o torna um conhecedor do contexto em que ele vive, algo que dificilmente seria possível no caso de um livro didático, por exemplo. O que chama mais atenção? Ler, num livro usado em aulas de Português, sobre a questão do trânsito no Brasil inteiro ou ter contato com uma matéria de um jornal local que fala sobre os atuais problemas de trânsito na cidade em que o leitor vive? Assim, de conhecedor da realidade o estudante passa a vê-la com um olhar crítico, pois tem relação direta com aquilo que lê. Tal posicionamento crítico é fundamental para a formação integral do aluno, que passa a ver na leitura um meio para participação ativa na comunidade. Diniz (2004) ressalta o caráter de formação cidadã do uso de jornais em sala de aula:

Ao usar o jornal como material didático, o professor estará aproximando a escola do mundo que a cerca. Apenas em praticar o manuseio típico de um leitor de jornal, o aluno está aprendendo a fazer escolhas críticas em relação ao que quer e quando quer ler. Ele elege a reportagem, seção ou coluna que mais desperta seu interesse naquele momento. E esta seleção, em si, já implica em posicionamento crítico, participativo, denotando liberdade democrática de escolha (DINIZ, 2004, p. 138).

Outros fatores atestam a importância do uso de jornais em sala de aula: atualidade e diversificação de conteúdos; interdisciplinaridade; linguagem acessível e caráter documental dos fatos registrados (DINIZ, 2004). Assim, além de contribuir para a formação do cidadão leitor, os jornais ainda acenam como instrumentos estimuladores e desmistificadores do processo de leitura. Escritos, em sua maioria, em linguagem direta e simples, esses veículos aproximam o hábito de ler aos alunos, que muitas vezes acostumados a textos e narrativas didáticos que nada têm a ver com sua realidade, sentem-se desmotivados a se debruçar sobre tipos de leituras ditas “não escolares”. Desse modo, o contato com o texto de periódicos pode interferir no hábito de leitura dos estudantes, que refletem um “padrão brasileiro” identificado por Marques de Melo (2006):

Um dos traços marcantes da evolução cultural brasileira é sem dúvida a resistência à leitura. Somos um país onde pouco se lê. De um lado, o problema reflete a marginalização social a que tem sido condenada a maior parte da nossa população, vivendo em condições tão precárias que o consumo de produtos culturais, como os impressos, constitui um luxo desmedido, principalmente para quem precisa lutar todo dia pela comida, pela roupa, pela habitação (MARQUES DE MELO, 2006, p. 161).

Silva e Viana (1997) destacam o uso do jornal na sala de aula como instrumento de auxílio na elaboração de gêneros textuais exigidos na ementa do Ensino Médio – notícia; reportagem; anúncio; carta; artigo de opinião; resumo etc. Além disso, as matérias jornalísticas podem ser utilizadas em outras áreas do conhecimento, o que endossa a necessidade da incorporação do jornal impresso às atividades educativas, seja no Ensino Básico, Fundamental ou Médio.

Disciplinas como Matemática, Inglês, Educação Artística e Educação Física parecem não encontrar elo entre o seu conteúdo programático e o mundo representado diariamente pelos jornais, mas o que não há mesmo é um despertar para a possibilidade de uso, uma busca de alternativas que facilitem o aproveitamento das matérias jornalísticas pelos professores (SILVA; VIANA, 1997, p. 81).

É nesse meandro que o jornal se mostra perfeitamente adequado para servir às demandas escolares, pois alia conteúdos pertinentes aos leitores e linguagem de assimilação mais fácil, o que reitera a necessidade de ser trabalhado nas aulas. Fotografias, manchetes em letras maiores e texto mais simples, legendas explicativas, tabelas e infográficos são apenas alguns dos atrativos encontrados no jornal, cuja leitura amplia o vocabulário, ajuda na fixação de conhecimento e exercita a compreensão de textos, competências caras ao estudante que almeja sucesso escolar (DINIZ, 2004). Campo (2005) confirma tais ideias, e diz que

diante do atual sistema de educação brasileiro, o jornal em sala de aula é um elemento de aprendizagem e interdisciplinaridade. Torna as aulas mais dinâmicas e provocadoras. Faz com que os alunos sejam mais participativos, criativos e construtivos em suas representações. Os alunos podem comentar

os fatos, opinar, trocar idéias, refletir e participar de discussões (CAMPO, 2005, p. 3).

Entretanto, Diniz (2004) atenta para a importância de o jornal ser introduzido em sala de aula de modo consciente, preparado, pois é muito diferente de um livro didático, por exemplo.

Será preciso que eles compreendam a efetiva dimensão do jornal enquanto veículo processador e divulgador de informação. Somente assim serão capazes de estabelecer estratégias adequadas e, portanto, eficazes no sentido de despertar nos alunos o interesse pela leitura do periódico. A mera inserção de artigos, reportagens ou outros textos extraídos de jornais junto às apostilas ou nos livros didáticos não significa que se está utilizando plenamente este veículo como ferramenta didática de incentivo à leitura, pois então faltaria justamente o seu componente mais poderoso, que é a capacidade de contextualização (ACHAR REFERENCIAS).

Um exemplo disso é a pesquisa “A circulação dos textos na escola”, realizada por Ciotelli (2004), que constatou que a adoção de jornais impressos como instrumento didático restringe-se a usos gerais, como colagem de palavras, recorte de figuras para ilustrar trabalhos e demais apropriações meramente automáticas, desprovidas de discussões e até mesmo de exercícios de interpretação. “Quase sempre não se cobra do aluno nem mesmo o entendimento do que supostamente leu, e o trabalho redonda numa apresentação muda de recortes de gravuras e textos” (SILVA; VIANA, 1997, p. 81).

Sem uma proposta de utilização de periódicos, sem material em mãos, sem incentivo da coordenação escolar nem momentos de discussão para se estabelecer um plano de trabalho com o jornal em sala de aula, o professor sente-se inseguro no uso desse material que poderia, na prática, constituir uma fonte revitalizadora do conteúdo curricular (SILVA; VIANA, 1997, p. 89).

Nesse contexto, seria interessante – e necessário – o constante diálogo entre produtores e professores que utilizam o jornal, para que esta ocorra de modo efetivo. Como sugestões,

nota-se a elaboração de cartilhas explicativas destinadas aos docentes e encontros esporádicos entre emissores e receptores.

1.2 O jornal-laboratório como instrumento pedagógico

Cientes da produtiva relação que pode se estabelecer entre meios de comunicação e escola, empresas do mundo todo investiram em produtos impressos voltados à utilização em aulas, expressivamente em países como França, Noruega, Dinamarca, Suécia, Estados Unidos, Argentina. No Brasil, o pioneirismo coube ao jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, que em 1980 iniciou a distribuição nas escolas (DINIZ, 2004).

Segundo dados colhidos no ano de 2002, 40 dos 465 diários brasileiros registrados pela Associação Nacional de Jornais (ANJ) possuíam programas semelhantes, em 15 estados e no Distrito Federal, atendendo a aproximadamente 3,5 milhões de estudantes de 8.500 escolas. A iniciativa é interessante tanto para a empresa jornalística quanto para a própria escola, porque de um lado fomenta o gosto pela leitura (estimulando, assim, a formação de futuros assinantes) e ajuda na consolidação de uma boa imagem do jornal, mas também oferece aos professores um recurso de fácil acesso para dinamizar as aulas (DINIZ, 2004, p. 8).

Contudo, não foram apenas grandes empresas jornalísticas que focaram alguns de seus produtos em fins educativos; outra modalidade de jornalismo impresso, o jornal-laboratório, viu no público escolar uma interessante opção de direcionamento de sua produção. Como uma maneira de promover a integração entre teoria e prática nos cursos de Jornalismo, o jornal-laboratório oferece diferenciais. O veículo é gratuito, o que o torna mais acessível; essa é uma peculiaridade que faz toda a diferença se pensarmos no contexto das escolas públicas do Brasil, muitas vezes carentes em relação à disponibilização de meios de comunicação a seus alunos, que ficam limitados ao giz, lousa e livros, apenas.

A professora Roseméri Laurindo Costa do Campo (2005) relata a experiência do jornal-laboratório *Único*, da Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, em

Santa Catarina. O *Único*, destinado aos alunos da rede pública do Ensino Médio, é utilizado frequentemente nas aulas, e mostra ser uma oportunidade – talvez a única – que os alunos têm de estar em contato com jornais impressos:

A diretora disse ainda que ficou surpresa ao receber cerca de 50 exemplares, pois cada aluno pôde utilizar um jornal, o que normalmente não acontece com os jornais de circulação diária que a escola assina. Geralmente há apenas um exemplar para uma classe inteira (CAMPO, 2005, p. 7).

Além disso, o caráter experimental do jornal-laboratório pode ser uma vantagem em relação aos periódicos comerciais, o que abre uma gama de possibilidades de inovações que podem ser exemplo para demais veículos.

Assim como o *Único*, o *OutroOlhar*, jornal-laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Minas Gerais, tem sua linha editorial voltada para estudantes de Ensino Médio das escolas públicas da cidade, e prova que a fórmula tem dado certo. A iniciativa contribui para ampliar as possibilidades de práticas na pesquisa e na extensão. Os professores de Ensino Médio ganham novas alternativas de trabalho, já que o jornal apresenta-se como um instrumento pedagógico, e seus alunos têm contato com textos que promovem o exercício da leitura, escrita e cidadania. Por sua vez, os produtores do *OutroOlhar* têm a oportunidade de praticar um jornalismo cidadão, com vistas ao desenvolvimento social dos leitores – algo que se faz pertinente se analisarmos os ideais e responsabilidades do comunicador social e as necessidades da formação escolar.

O jornal, que acumula 28 edições publicadas, conquistou três premiações no Expocom e o Prêmio Arthur Bernardes, o que atesta sua relevância junto ao público a que se destina. O professor Joaquim Sucena Lannes, responsável pela implantação da linha editorial, explica o porquê do enfoque no público alvo específico:

No meu entender, os alunos dessa faixa etária são sempre cheios de dúvidas e geralmente não encontram brechas para dirimir suas questões no núcleo familiar. Além disso, as escolas públicas são carentes dos recursos financeiros que possibilitam materiais para suprir as deficiências de leitura ou infor-

mação necessária a esses jovens, que acabaram se transformando em nosso público-alvo. A ideia inicial foi promover o estímulo à leitura pela veiculação de temas cuidadosamente escolhidos a partir de pesquisa realizada junto a esse público [...]. Tudo isso sem deixar que as matérias caiam nos tons professorais e na retórica monótona que, certamente, levam o desinteresse e o desestímulo à leitura (LANNES, 2009, p. 247).

Assim, além de contar com um texto jornalístico, mais palpável e simples, os leitores ainda contam com pautas mais próximas à vivência deles. Temas como uso de *piercing*, gravidez na adolescência, história do rock e participação dos jovens na política chamam a atenção do público, acostumam-no a ler e exercitam a prática jornalística por parte dos discentes de Jornalismo. Lannes (2009) confirma a condição experimental do jornal-laboratório, a qual pode acenar como lugar de criações que podem ser úteis aos leitores:

[...] O *OutroOlhar* não é estático e nem definitivo. Anualmente, diversos pontos são repensados e refletidos, permitindo, dessa forma, a abertura de espaços para redirecionamentos ou reconfigurações que nos coloquem cada vez mais próximos dos nossos leitores (LANNES, 2009, p. 249).

A dinâmica do jornal funciona da seguinte forma: Logo no início do trabalho com o *OutroOlhar* os estudantes de Jornalismo têm aulas a respeito de particularidades do texto jornalístico impresso, conceitos e noções práticas típicas desse tipo de atividade jornalística, como: a pauta, modalidades de entrevista, apuração, adequação ao texto de jornal, questões gráficas, diagramação e até jargões próprios aos jornais impressos. Para a confecção de cada edição do jornal, são realizadas reuniões de pauta com toda a turma, que se divide em editoriais. Hoje o jornal é dividido nas editoriais “Esporte”; “Ciência e Tecnologia”; “Comportamento”; “Vida e Saúde”; “Cidade”; “Meio ambiente”; “Opinião” e “Cultura”. Cada aluno elabora uma pauta de acordo com sua editoria, e leva para a sala de aula para discutir o assunto, que pode ser abordado ou mesmo descartado, caso o editor ou os alunos não o julguem pertinente.

Trabalhando no jornal-laboratório os estudantes de Jornalismo têm a oportunidade de lidar com as mais variadas fontes, prática que é estimulada dada a versatilidade do jornal – numa só edição são entrevistados desde psicólogos até um astronauta, por exemplo. No que

diz respeito aos leitores, a diversidade das editoriais contribui para a variação de temas, o que torna o periódico mais atraente. Geralmente, os alunos têm até duas semanas para executar a pauta, que deve originar uma matéria que se enquadre na linha editorial do jornal e no espaço da página (até 30 linhas).

2. Objetivo

Visando conhecer melhor o público alvo do jornal e estreitar os laços entre comunicação e educação, está sendo realizada a pesquisa “A educomunicação como ferramenta para aprimoramento do jornal-laboratório *OutrOlhar*”. Financiada pelo PIBITI/CNPq, o estudo pretende mapear o panorama dos leitores, com vistas a aperfeiçoar o veículo à luz da educação, traçando estratégias a partir dos resultados obtidos. Busca-se, com a pesquisa, tornar o jornal um produto cada vez mais útil aos leitores no que diz respeito a seu uso para fins educativos.

Conhecendo os hábitos e preferências do público alvo, é possível produzir um jornal mais próximo à sua realidade e gerar fidelização. Júnior (2002) concorda com a opção por tratar de comunidades, e diz que o enfoque em temas regionais mostra que o jornal-laboratório [...] leva o aluno a se posicionar de modo crítico na sociedade que o cerca (JUNIOR, 2002).

Com os resultados da pesquisa, pretende-se conferir ao *OutrOlhar* uma maior solidez, com novas alternativas de produção calcadas em análise científica, algo que não acontece na maioria de jornais que circulam na cidade de Viçosa. Dessa forma, pesquisando o *OutrOlhar* e fornecendo subsídios para sua formulação baseada nos princípios da educomunicação, a pesquisa contribui para tornar, cada vez mais, o jornal um meio difusor de cidadania capaz de colaborar para a formação plena do estudante-leitor.

3. Metodologia

Para alcançar os objetivos propostos, a maior parte da pesquisa se baseia em um questionário (MARCONI; LAKATOS, 2005) que foi aplicado a uma amostragem de 137 leitores estudantes do Ensino Médio. Optou-se por realizar a pesquisa em uma comunidade em específico – os estudantes da Escola Estadual Doutor Raimundo Alves Torres (ESED RAT). Esta “escola piloto” foi selecionada porque se situa em um dos bairros mais pobres de Viçosa, o que reflete o contexto geral dos leitores do *Outro Olhar*. A atividade de pesquisa foi realizada em um dia no qual a professora de Língua Portuguesa cedeu suas aulas para que o aplicador visitasse as salas de aula.

O questionário é composto por 19 perguntas de múltipla escolha, sendo que, em algumas, mais de uma opção poderia ser marcada. As perguntas dividem-se em 3 partes. Na primeira, intitulada “Leitura”, há questões relativas a hábitos de leitura. Na segunda, “Meios de comunicação e a escola”, pergunta-se sobre produtos midiáticos utilizados como instrumento pedagógico. Já na terceira e última parte, “O jornal-laboratório *Outro Olhar*”, o questionário traz perguntas específicas sobre o periódico, cujos exemplares foram distribuídos aos alunos para que eles lessem e manuseassem antes de responder. A partir de agora serão analisados alguns resultados obtidos a partir dos questionários. Tal discussão faz-se necessária para a compreensão do contexto do público do *Outro Olhar* no que diz respeito ao panorama de leitura e inserção de tecnologias em suas aulas, para um consequente aperfeiçoamento do jornal em face dos resultados e problematizações obtidos.

4. Resultados e discussão

Perguntados se gostam de ler, a maioria dos alunos disse que gosta “Um pouco”. Em seguida, vieram os resultados “Sim” e “Não” (**Gráfico 1**). Este resultado evidencia que o hábito de leitura não é tão difundido entre os estudantes de Ensino Médio.



Gráfico 1: Você gosta de ler?

Diante desse resultado, o jornal-laboratório *OutroOlhar* surge como estratégia eficiente para inserir os estudantes no contexto de leitura, o que é favorecido se pensarmos que tal periódico traz pautas pertinentes aos leitores; neste caso, o fator proximidade pode ser importante aliado para mudar os quadros de leitura que esta pesquisa evidencia.

[...] Ao produzir um jornal-laboratório direcionado e cuidadosamente elaborado de forma especial para um público dirigido, estamos incentivando o público ao hábito da leitura, à utilização da informação no seu dia a dia, à interpretação dos textos apurados e escritos com este objetivo e, dessa forma, ajudando a ampliar o conhecimento de assuntos de real interesse para a vida dessa faixa estudantil (LANNES, 2009, p. 250).

Constata-se que a leitura não ocupa tanto tempo na rotina dos estudantes, cuja maioria disse ler até 30 minutos, quando está em contato com algum tipo de texto (**Gráfico 2**).

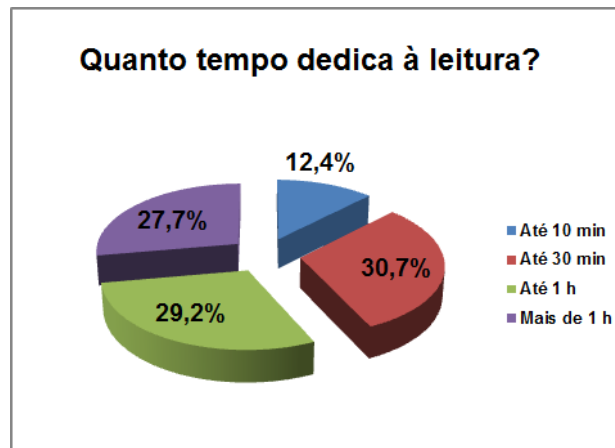


Gráfico 2: Tempo de leitura

Assim, faz-se necessário adequar o texto a um tempo de leitura compreendido entre 10 minutos e 1h de duração, período que encontra mais aceitação entre os entrevistados. As tentativas nesse sentido são visíveis: atualmente os redatores têm apenas 30 linhas para suas matérias, que devem ser escritas o modo mais informal e chamativo possível, sem se desviar da Língua Portuguesa padrão. Vale lembrar que o *OutroOlhar* já adéqua seus textos às novas regras ortográficas desde novembro de 2009. Outra saída para aproximar a linguagem do jornal impresso àquela da internet e facilitar a leitura seria a inserção de títulos e lides em tamanho grande, e adicionar *links* que direcionem os assuntos das matérias a *sites*, por exemplo. Sobre os tipos de leituras, os mais lembrados foram a internet e os livros (**Gráfico 3**).

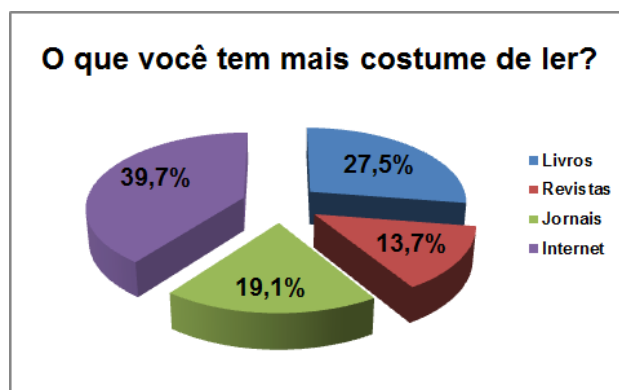


Gráfico 3: Tipos de leitura

Tais resultados demonstram uma dicotomia interessante: de um lado está a internet, meio de comunicação mais “novo” da lista, e que encontra popularidade dada a sua interatividade e conteúdo multimídia; de outro, estão os livros, que sofreram um suposto “risco de extinção” com a chegada da *web*, mas continuam encontrando ambiência no contexto escolar, quase totalmente dependente de livros didáticos. Em pesquisa realizada no Colégio de Aplicação João XXIII (Juiz de Fora, MG), Pereira e Freitas (2010) comprovam que, mesmo numa escola de alto padrão, na sala de aula de Ensino Médio, “[...] a leitura literária ainda é realizada nos livros, a internet figurando apenas como fonte de informação para pesquisas escolares” (PEREIRA; FREITAS, 2010, p. 163).

Todavia, se a internet é tão popular entre estes estudantes, por que não se utilizar do dinamismo da rede para facilitar e estimular a leitura e o aprendizado na escola? Em relação ao uso de tecnologias como a internet na sala de aula, Belloni (1999) destaca que

de um lado, há aqueles que veem nelas um instrumento para resolver todos os problemas e melhorar definitivamente a qualidade da educação de modo geral, e, de outro, os que resistem obstinadamente a elas, por não perceber claramente o que está em jogo e/ou não perceber sua utilidade (BELLONI *apud* PADILHA, 2002, p. 4).

Contudo, há aqueles que, mesmo em meio a divergências como esta, impossibilidades de ordem técnica e diversos outros entraves, conseguem enxergar nas tecnologias uma alternativa frutífera, ainda que incipiente. É o caso de Pereira e Freitas (2010), que trabalharam com a construção de *blogs* nas aulas de Língua Portuguesa; as autoras reconhecem a tecnologia como um complemento possível nas aulas:

Não se trata aqui de supervalorizar a máquina, mas de reconhecer o computador e a internet como instrumentos culturais de aprendizagem que podem garantir os alunos de Língua Portuguesa como autores de seus textos, e ampliar o auditório imaginado desses textos para além das paredes da sala de aula (PEREIRA; FREITAS, 2010, p. 163).

Mesmo com comprovada eficácia da *web* na sala de aula, os dados revelam que a realidade do ESED RAT é outra: segundo os alunos a internet é um dos meios menos utilizados pelos professores, e só perde para o rádio – nenhum dos entrevistados marcou a opção “rádio”, o que significa que ele simplesmente nunca é usado (**Gráfico 4**). Silva (2011) defende que é possível o rádio estar presente nas aulas como instrumento pedagógico, e tem como característica primordial o exercício do poder de crítica, raciocinar por si mesmo e chegar a conclusões próprias.

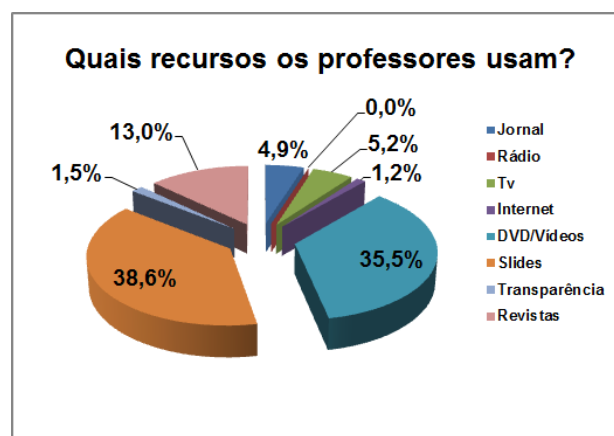


Gráfico 4: Recursos midiáticos usados nas aulas

O jornal também é muito pouco utilizado na escola analisada, que apesar de receber o *Outro Olhar* com regularidade, não o aplica nas aulas. Pesquisa anterior (MARTINS, 2011) revelou que a maioria dos alunos sequer conhecia o periódico, que muitas vezes fica estocado nas secretarias das escolas em que é distribuído.

Os *slides* e os DVD's/Vídeos abocanham juntos 74% do total de vezes em que as alternativas foram marcadas, o que mostra que os professores primam por recursos visuais, mais ligados à imagem: os slides, por serem lâminas de texto permeados por fotografias, e os DVD's, (e indiretamente a televisão), que exibem imagem em movimento. O fato pode ser compreendido se levarmos em conta a facilidade de assimilação que há em se tratando desses dois recursos e a familiaridade que há entre alunos e os meios essencialmente ligados à imagem: não por acaso, quando perguntados quais meios de comunicação eles têm em casa, a maioria dos estudantes marcou “TV” (Gráfico 5).

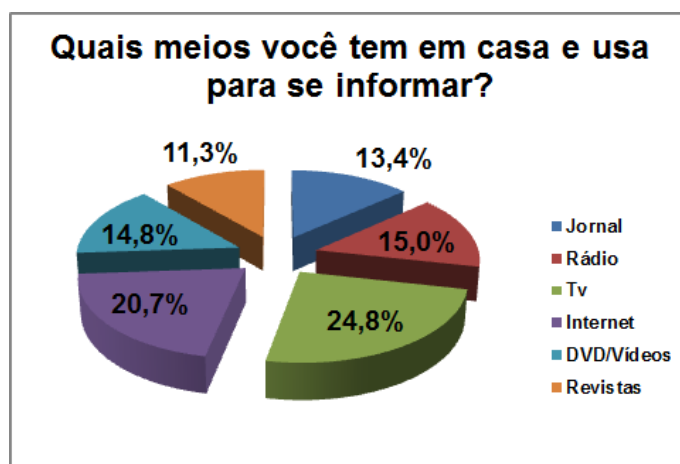


Gráfico 5: Recursos que os alunos têm em casa

Outra questão perguntou qual meio os alunos consideram mais confiável para realizar pesquisas escolares, e o resultado foi interessante: houve quase um empate (menos de 2% de diferença) entre “Internet” e “Livros” (Gráfico 6). Logo, pode-se afirmar que a internet alcançou um “grau de credibilidade” expressivo, que com as inúmeras possibilidades que ofere-

ce, agora divide espaço com as famigeradas enciclopédias e demais livros didáticos – não muito tempo atrás, as únicas fontes de informação para pesquisa.

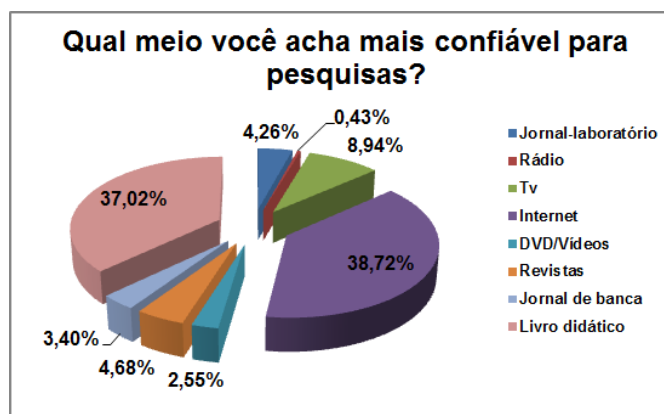


Gráfico 6: Fontes de pesquisa

Padilha (2002) relata uma experiência ocorrida em um curso de extensão, no qual houve dois tipos de pesquisa na internet. No primeiro, foi dado um tema aos alunos, que podiam pesquisar livremente em quaisquer sites; isso possibilitou diversas abordagens sobre o mesmo tema. Já no segundo caso, os alunos receberam um roteiro, e dois *sites* foram indicados, evitando a dispersão dos estudantes e aprofundando o tema a ser pesquisado. Embora proveitosa, a atividade também mostra que é preciso ter cuidado com as informações obtidas, verificando a credibilidade de quem as fornece.

Por sua vez, o jornal-laboratório também pode servir de apoio à pesquisa, já que sua proximidade com a comunidade a qual se destina pode propiciar conteúdo especializado que talvez não seja encontrado na internet ou em “grandes” meios. Foi o que ocorreu com o jornal-laboratório *Único*, destinado a alunos de Ensino Médio que

estavam desenvolvendo um trabalho sobre o Alto Vale e não encontravam material para pesquisa nas bibliotecas da cidade. Usavam um encarte que foi disponibilizado pela Amavi (Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí) ou tinham que fazer contato direto com cada prefeitura para levantar dados sobre os municípios. Foi graças ao Jornal Laboratório Único que a-

queles estudantes tiveram acesso a muitas informações sobre a região do Alto Vale (CAMPO, 2005, p. 7).

Em relação ao questionário sobre o *OutrOlhar*, a maioria dos alunos disse que o leria na internet (**Gráfico 6**), sinalizando que se faz urgente a inserção do veículo laboratorial na *web*. Atualmente, o jornal não tem nenhuma relação com a internet, a não ser os seus exemplares disponibilizados no *site* do curso da UFV. Contudo, para que haja um aproveitamento efetivo do jornal no contexto da rede, é preciso, primeiramente, o preparo dos alunos-produtores. Canavilhas (2011) reconhece que “formar jornalistas para a era digital não significa apenas integrar mais conhecimentos instrumentais nos planos de estudo, mas sim repensar alguns conceitos fundamentais e adaptá-los a uma nova realidade profissional (CANAVILHAS *apud* ANUNCIAÇÃO, 2011, p. 3)”.

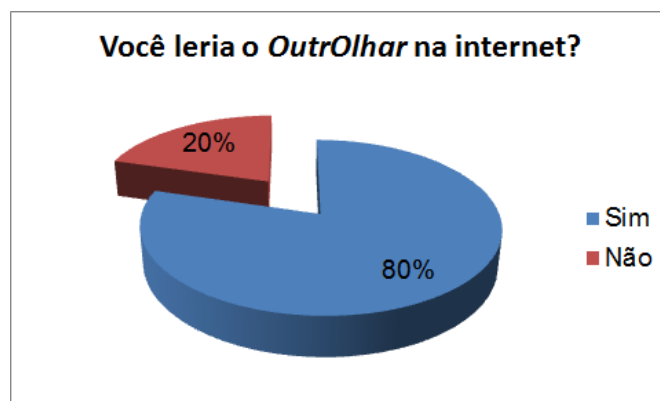


Gráfico 6: *OutrOlhar* na internet

5. Considerações finais

“Jornais são janelas de papel; através dessas janelas, o aluno pode atravessar as paredes da escola e entrar em contato com o mundo e com a atualidade. Jornais e revistas são, portanto, mediadores entre a escola e o mundo (FARIA *apud* LANNES, 2009, p. 243)”. É inegável a contribuição que os jornais podem conferir à educação quando utilizados em sala

de aula. Exercício do hábito de leitura, visão crítica de mundo, acesso mais fácil à informação e promoção da cidadania são apenas alguns dos atributos desse meio de comunicação.

Para que essa mediação entre a escola e o mundo se dê de forma plena, é necessário que os dois pilares do processo estejam conscientes de suas funções. De um lado, estão os professores, que precisam estar cientes da melhor maneira de se utilizar esse instrumento pedagógico que, apesar de simples, pode trazer muitos resultados. Do outro lado da questão estão os produtores desses veículos, que devem estar inteirados sobre sua aplicação em aulas para que produzam com qualidade e de acordo com os anseios do público alvo.

Nesse sentido, a pesquisa envolvendo o *OutroOlhar* se faz essencial para compreender esse público e produzir conforme os resultados obtidos; esse estudo é válido à medida que estimula a prática de um jornalismo embasado em pesquisas científicas, precisas e reveladoras. Assim, ganham tanto os produtores – que aprendem a realizar um jornal da concepção à execução – quanto os receptores do jornal, que recebem um produto alicerçado em bases teóricas e empíricas comprovadas.

A bibliografia analisada e os resultados obtidos comprovam que se o universo da leitura nas escolas não é tão animador quanto deveria, os meios de comunicação podem, na medida do possível, suprir carências pedagógicas e criar novas oportunidades de aprendizado. Todavia, o uso de recursos midiáticos não pode ser visto como a “salvação da educação”, mas sim como práticas complementares àquelas já existentes, se forem bem executadas.

Nessa miríade comunicacional, a internet se destaca como fator preponderante para criar novos usos e apropriações do jornal-laboratório em sala de aula, algo que se faz necessário não para substituir o meio impresso, mas para consolidá-lo a ponto de extrapolar seu uso até que ele seja realizado com êxito também na *web*. Se o jornal é um mediador entre a escola e o mundo, a internet surge como potencial mediadora entre o jornal e a escola, dinamizando e ampliando em grande escala a “janela” para o mundo.

Logo, diante da variedade de ferramentas que a internet oferece, o jornal-laboratório integrado à internet pode ganhar em ampliação da visibilidade e em dinamismo, palavra-chave quando se fala no público em estudo (jovens de Ensino Médio). Disponibilização de

produções do curso de Jornalismo da UFV, interação em redes sociais, *links* para outros *sites* de educação e jornalismo, cartilhas *on-line* para professores trabalharem os jornais; estas são apenas algumas das inúmeras contribuições que a inserção do *OutrOlhar* – e outros jornais – na *web* pode trazer para a sala de aula. Desse modo, a integração entre mídia e educação ganha ricas possibilidades, contemplando de fato o que propõe a educomunicação.

6. Referências Bibliográficas

- ANUNCIACÃO, Cristiano Pinto. Jornal-laboratório: ensino de jornalismo no contexto da convergência. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 2011, Florianópolis. *Anais do V Simpósio Nacional da ABCiber*. Florianópolis: ABCiber, 2011. Disponível em <http://simposio2011.abciber.org/anais/Trabalhos/artigos/Eixo+1/14.E1/322-506-1-RV.pdf>. Acessado em 23/05/2012.
- CAMPO, Roseméri Laurindo Costa do. Extensão da universidade às salas de aula do Ensino Médio do Alto Vale. In: 8º FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO, 2005. *Anais*. Maceió, Alagoas: Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Disponível em [http://www.fnj.org.br/dados/grupos/jornal-laboratorio-do-curso-de-jornalismo-extensao-da-universidade-as-salas-de-aula\[14\].pdf](http://www.fnj.org.br/dados/grupos/jornal-laboratorio-do-curso-de-jornalismo-extensao-da-universidade-as-salas-de-aula[14].pdf). Acessado em 23/04/2012.
- CITELLI, ADILSON ODAIR. **Comunicação e educação: a linguagem em movimento**. 3ª ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.
- DINIZ, José Pérciles. O jornal impresso na formação de consciência crítica. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**. Salvador: v. 13, n. 21, p. 129-141, jan./jun., 2004.
- _____. **O jornal impresso na educação**. Plataforma Publica (UFRB). Disponível em http://www.ufrb.edu.br/publica/components/com_mtree/attachment.php?link_id=20&cf_id=31. Acessado em 25/05/2012.
- JÚNIOR, Antônio Vieira. *Uma pedagogia para o jornal laboratório*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- LANNES, Joaquim Sucena. *OutrOlhar: uma proposta pedagógica de jornal-laboratório cidadão*. **Revista de Ciências Humanas**. Viçosa, V. 9, N. 2, p. 243-55, jul/dez 2009.
- LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. São Paulo: Summus, 1989.

- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- MARQUES DE MELO, José Marques. **Teoria do Jornalismo** – Identidades Brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.
- MARTINS, Rafael Barbosa Fialho. **A pesquisa de opinião no jornal-laboratório**: um estudo de caso do *Outro Olhar*. XIV Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, abril 2011. CD-ROM.
- MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2004.
- PADILHA, Maria Auxiliadora Soares. **Internet como ferramenta pedagógica**: uma experiência de capacitação de professores, 2002. Rede Iberoamericana de Informática Educativa (RiBiE). Disponível em <http://ism.dei.uc.pt/ribie/docfiles/txt200372919165paper-259.pdf>. Acesso em: 19/05/2012.
- PEREIRA, Maria Leopoldina; FREITAS, Maria Teresa de A. Práticas de escrita e autoria: a utilização dos blogs literários nas aulas de Língua Portuguesa. In: RIBEIRO, Ana Elisa *et al.* **Leitura e escrita em movimento**. São Paulo: Peirópolis, 2010.
- SILVA, Jilvânia Tenório da. Rádio: um recurso pedagógico ao alcance de todos. In: VI ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS (EPEAL), 2011. **Anais**. Maceió, Alagoas: Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Disponível em <http://epealufal.com.br/media/anais/619.pdf>. Acessado em 19/05/2012.
- SILVA, Ynaray Joana da; VIANA, Fernando Valeriano. O jornal e a prática pedagógica. In: CITELLI, Adilson Odair (org.). **Aprender e ensinar com textos não escolares**. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 1997, pp. 79-97.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Mas afinal, o que é educomunicação?**, 2004. Disponível em <http://www.usp.br/nce/wcp/arg/textos/27.pdf>. Acesso em: 25/04/2012.
- _____. **A comunicação e o ensino médio**, 1998. Disponível em <http://www.usp.br/nce/wcp/arg/textos/19.pdf>. Acesso em: 23/04/2012.